

A VIDA DE EURÍPIDES DE SÁTIRO¹

Gabriela Guimarães Gazzinelli *

RESUMO: Ainda que se encontre em estado fragmentário, *A Vida de Eurípides* de Sático é a biografia peripatética mais extensa que chegou à modernidade. Escrita no século III a.C., a narrativa, em que se imbricam vida e literatura, revela traços das convenções biográficas do Período Helenístico. Para além de seu interesse historiográfico, ocupa posição importante no *corpus* das “vidas” de Eurípides uma vez que explicita as fontes de muitos episódios que constam de suas biografias.

PALAVRAS-CHAVE: Eurípides; Sático; biografia antiga; peripatéticos; tragédia; comédia.

SATYRUS' LIFE OF EURIPIDES

ABSTRACT: Though fragmented, *Satyrus' Life of Euripides* is the most extensive peripatetic biography known today. Written in the 3rd century B.C., this narrative where life and literature merge sheds light into the biographical conventions that prevailed during the Hellenistic Period. Besides having historiographical interest, it also holds an important place within the *corpus* of Euripides' “lives”, as it makes explicit the sources for many episodes incorporated in his biographies.

KEYWORDS: Euripides; Satyrus; ancient biography; peripatetics; tragedy; comedy.

1. Esta tradução foi adaptada da monografia de final de curso apresentada à Faculdade de Letras da UFMG em 2004. Agradeço ao orientador Professor Jacyntho Lins Brandão por sua incomparável generosidade e pelas conversas sempre inspiradoras sobre biografia antiga e o mundo helenístico; à Professora Tereza Virgínia Ribeiro pelas valiosas sugestões e aulas apaixonantes sobre teatro grego; a Eduardo de Lima, pela leitura atenta; e ao Professor Pedro Ipiranga pelo gentil convite para participar deste dossiê.

* Mestre pela UFMG e pelo IRBr, doutoranda pela Brown University, gabriela.gazzinelli@brown.edu.

INTRODUÇÃO

I. APRESENTAÇÃO

Antes conhecida somente por referências secundárias, a *Vida de Eurípides* de Sátiro, em forma de diálogo, foi encontrada no Egito no fim do século XIX. Integra o papiro de Oxirrinco 1176, juntamente com biografias dos tragediógrafos Ésquilo e Sófocles, estas mais lacunares. Recuperaram-se, ao todo, cinquenta e sete fragmentos de tamanhos variados, cujo texto é ilegível em diversas passagens. Até sua descoberta, supunha-se que títulos helenísticos como *Peri Eurípides* ou *Peri poieton*, fossem estudos a respeito das obras dos poetas e não sobre suas vidas, em vista das extensas citações que fazem de obras literárias. Contudo, a narrativa de Sátiro, centrada na vida e morte de Eurípides, estabelece-se com segurança na tradição biográfica, ainda que escrita num estilo que mistura biografia e crítica literária, com numerosas citações do próprio dramaturgo e de outros autores, seus contemporâneos.

A biografia de Sátiro revela-se interessante sob diferentes perspectivas. Primeiramente, é proveitoso cotejá-la com as outras biografias do tragediógrafo, escritas ao longo de mais de um milênio. Em segundo lugar, por se tratar da biografia peripatética mais extensa que chegou à modernidade, lança luz sobre as práticas biográficas da escola aristotélica e sobre as convenções do gênero no Período Helenístico.² Por fim, é uma biografia bastante cuidadosa com a explicitação das fontes, o que permite avaliar a influência de textos literários – trágicos e cômicos – nas narrativas da vida de Eurípides.

2. Um dos termos gregos para biografia (*bios*) teria sido cunhado nesse período. O termo *biographia* só aparece muito mais tarde, em fragmentos da *Vida de Isidoro*, escrita por Damácio no séc. V d.C.

II. A BIOGRAFIA DE SÁTIRO NO CONJUNTO DE VIDAS DE EURÍPIDES

Há notícia de seis textos antigos sobre a vida de Eurípides. Os primeiros testemunhos são alguns poucos fragmentos da *Crônica Ática* de Filócoro, que compreendia um *Tratado sobre Eurípides* (séc. IV a.C. ou início do III a.C.), e a biografia de Sátiro aqui traduzida (segunda metade

do séc. III a.C.). Há ainda a biografia anônima, *Vida e Origem de Eurípides*, de datação incerta, um trecho das *Noites Áticas* de Aulo Gélio, do século II d.C., o verbete da *Suda*, escrito já no século X d.C. e, por fim, a biografia de Thomas Magister, da passagem do século XIII para o XIV d.C.

A biografia de Sátiro ocupa um lugar importante nesse conjunto. Passagens suas encontram-se citadas quase literalmente na biografia anônima, introduzidas pela expressão formular *phasi*. Como aponta Stuart, é provável que o acesso do autor anônimo à biografia de Sátiro tenha sido indireto, intermediado por outra fonte (Stuart: 1928, p. 170). Outra explicação plausível para a confluência das duas biografias seria os dois autores terem tido acesso a fontes comuns que reunissem a tradição corrente sobre a vida de Eurípides, uma espécie de *koiné historia*, como a denomina Arrighetti (p. 166). As biografias mais tardias, por sua vez, também não fazem referência a Sátiro. É possível que as passagens próximas às do peripatético tenham sido transmitidas indiretamente pela biografia anônima.

Em comparação com seus sucessores, Sátiro explicita com mais frequência as passagens de que extraiu os fatos narrados – no próprio Eurípides, em Aristófanes ou em outros autores. Nas biografias mais tardias, essas passagens são muitas vezes incorporadas ao corpo do texto sem qualquer alusão à sua fonte ou encontram-se parafraseadas, o que dificulta sua identificação. O texto de Sátiro permite, assim, traçar a origem de várias passagens. A explicitação das fontes facilita avaliar se a inserção na biografia de tal ou qual episódio tem motivações histórica ou literária.

Para além do interesse que guardam para os estudos literários da Eurípides, o exame genealógico das sucessivas versões de sua vida pode elucidar a transformação do gênero biográfico ao longo da Antiguidade, bem como mudanças nas narrativas resultantes dos processos de condensação, interpolação e corrupção textuais. Nesse intervalo de mais de um milênio, ocorre uma progressiva mitificação de Eurípides: os biógrafos dão cada vez maior ênfase às anedotas extraordinárias e menos atenção ao aspecto estilístico de sua obra. A contaminação da vida pela literatura revela ainda a maneira como se dava a transmissão de conhecimento e poesia na Antiguidade. Como aponta Nagy (*apud* Pórtulas:

1994, p. 161), “biografia e preservação de uma obra poética constituem processos paralelos, que avançam juntos e se condicionam mutuamente”.

III. UMA BIOGRAFIA PERIPATÉTICA

No prefácio ao *De viris illustribus*, São Jerónimo afirma que Aristoxeno, Sátiro e Hermipo pertenciam à escola peripatética de biografia. Desses autores, só chegaram à Modernidade o texto extenso da *Vida de Eurípedes*, de Sátiro, e fragmentos dispersos. A Sátiro atribuem-se ainda biografias de Filipe da Macedônia, Demóstenes, Pitágoras, Dioniso de Siracusa, bem como libelos contra Sócrates. O seu grego é marcadamente helenístico. Embora se perceba certa influência ática, de Aristóteles e Platão, e do jônico da tragédia, que é mais literário, já se pode observar a formação da *koiné* em sua escrita. Muitos termos novos, que se tornam usuais no Período Imperial, aparecem aqui pela primeira vez. Na escrita do peripatético, observa-se também a tendência de regularizar e simplificar a língua (cf. Valdés: 1991, p. 359-369).

Segundo Momigliano, “O homem educado do mundo helenístico era curioso sobre as vidas das pessoas famosas. Queria saber como era um rei ou um poeta e como se comportava” (Momigliano: 1993, p. 120). Aristóteles e seus discípulos abraçaram a inclinação polímata de sua época. Dedicaram-se ao amplo projeto de percorrer sistematicamente as áreas do conhecimento, compondo histórias sobre música, filosofia, ciência, matemática, astronomia, física, medicina, poesia. Voltaram-se também para as vidas de personagens eminentes. Aristóteles teria escrito os primeiros textos biográficos de sua escola em *Sobre os poetas* e também na *Constituição de Atenas*, em que dedica extensas passagens às vidas de Sólon e Pisítrato.

Ainda segundo Momigliano, com o passar do tempo as biografias helenísticas conciliaram a busca filosófica pela variedade de caracteres humanos com a elaboração estilizada do texto (Momigliano: 1993, p. 84). A *Vida de Eurípedes* de Sátiro conforma-se com as convenções da época. A exemplo de outros textos biográficos peripatéticos e

helenísticos, nela atestam-se: a predileção por anedotas; a inferência de fatos da vida de Eurípides a partir de suas tragédias; o interesse por aspectos morais e éticos, ilustrados nas vicissitudes de Eurípides; a parcialidade do biógrafo, refletindo predileções pessoais e demonstrando sua admiração pelo poeta.

Nesse contexto, é interessante observar como as tradições filosófica e biográfica imbricam-se. Nas vidas peripatéticas recuperam-se, por exemplo, elementos da *Ética a Nicômaco*. Untersteiner identifica nelas a influência da doutrina do *êthos* e da distinção entre virtudes morais e virtudes do pensamento (Untersteiner: 1980, p. 226). A teoria aristotélica das emoções (*páthe*) também teria inspirado seus discípulos na ordenação dos episódios, pois uma emoção reflete o temperamento da alma (*E.N.* II 4. 1105 b 20). Por fim, como aponta Arighetti, a doutrina de tipos também informa a tradição biográfica (Arighetti: 1987, p. 163-164, 228, 231). Clearco, por exemplo, ao escrever suas biografias, teria retomado a doutrina aristotélica das três formas de vida: *apoláustica* (de prazeres), *prática* (de ação) e *teórica* (de contemplação).

A relação entre filosofia e biografia era recíproca. De um lado, episódios das vidas de personagens ilustres são retomados no âmbito das discussões filosóficas. Aristóteles pauta sua discussão sobre virtude e vício nos comportamentos de personagens históricos, evidencia as consequências práticas de certa *héxis*, disposição ética. De outro, as noções de virtudes e vícios sobressaem-se na interpretação do caráter das personagens biografadas. Verifica-se a introdução de reflexões morais no âmbito de escritos biográficos, que serão legadas à tradição ulterior. Plutarco, por exemplo, afirma na *Vida de Alexandre* (1.2): “nos feitos mais ilustres nem sempre há manifestação de virtude ou vício. Algo ligeiro, como uma frase ou gesto, frequentemente faz maiores revelações do caráter”.

Todavia, nenhuma biografia é determinada exclusivamente por posições filosóficas acerca da virtude ou do hábito. Como observa Momigliano, “[o] aristotelismo não era um pressuposto necessário ou suficiente da biografia helenística. A biografia helenística era muito mais elaboradamente erudita do que qualquer composição biográfica anterior” (Momigliano: 1993, p. 120).

IV. EURÍPIDES TRÁGICO

Além de referências filosóficas, encontram-se muitas citações literárias na *Vida de Eurípides*. Uma análise detida delas revela que praticamente todas as informações sobre sua vida podem ser traçadas à tragédia ou à comédia. Com efeito, as biografias de poetas da Antiguidade costumam ser mais literárias do que históricas. Ao se incluir uma vida em determinada cronologia ou tradição poética, procura-se forjar uma sequência coerente, conformando-a à unidade narrativa daquela tradição. Resultam, portanto, numa representação estilizada da vida, que lança mão de convenções poéticas e narrativas, a fim de produzir efeitos estéticos.

Eurípides é assim representado como herói tragicômico. Teria nascido no dia lendário da vitória grega em Salamina (batalha em que Ésquilo teria lutado, enquanto Sófocles teria participado de um coro de meninos que celebraram a vitória) e, segundo um oráculo, seria vitorioso em concursos. A data simbólica de seu nascimento, bem como os vaticínios que o acompanharam são elementos recorrentes nas vidas dos heróis trágicos.

Outros tantos episódios nas biografias de Eurípides revelam a identificação entre a vida do autor e sua obra literária. Um bom exemplo está em Filócoro (62-5), que deduziu que Eurípides vivera no litoral porque seus trechos mais líricos descrevem o mar (*Ifigênia em Tauris* 392-420 e *Helena* 1451-1454).³ Considerado misantropo, como seus personagens, supunha-se que, além disso, morasse em isolamento. E assim pode ter surgido a lenda de que habitava uma caverna, mencionada por Sátiro (fr. 39, col. IX), caverna essa que, mais tarde, teria sido visitada por Aulo Gélcio (15.20.5) e descrita como “fedorenta e horrível”.

Semelhantemente, sua vida matrimonial parece retomar vários episódios das tragédias. A infidelidade de sua esposa, relatada em todas as biografias, nos remete a personagens adúlteras em suas peças, como Fedra, em *Hipólito*, ou Clitemnestra, em *Electra*. Uma fala de Electra (923-24) sobre a mãe adúltera é parafraseada na vida anônima, quando Eurípides alerta o segundo marido de

3. Nessas duas passagens o mar é tomado ora como um agente hostil, ora como um agente propiciador. Mary Lefkowitz (p. 91) recupera referências ao mar também em outras poetas trágicos em que a violência aleatória do mar seria uma metáfora efetiva para curso do destino humano.

sua esposa sobre seu comportamento licencioso: “é um infeliz se acha que a mulher [há de] ser casta com um (homem) e, com o outro, não”.

Por fim, o relato da morte terrível de Eurípides, devorado pelos cães de Arquelau, também parece retirado do universo trágico. Pelas colunas XX e XXI do fragmento 39 da biografia de Sátiro, complementadas com o episódio narrado na biografia anônima *Origem e Vida de Eurípides*, sabe-se que descendentes de trácios, na Macedônia, haviam sacrificado e comido uma cadela molossa de Arquelau, que cobrou deles uma alta multa por isso. Eurípides intercedeu por eles e fez com que Arquelau suspendesse a dívida. Os filhotes dessa mesma cadela é que o teriam matado mais tarde, para vingarem a morte impune da mãe.

Seu fim insólito lembra a morte de Penteu (despedaçado por bacantes) em sua última peça, *As Bacantes*, bem como a morte de Acteu (despedaçado, por sua vez, pelos cães de Ártemis por ter espiado a deusa se banhando), sobre quem Eurípides escreveu uma de suas primeiras peças. Nas *Rãs*, comédia escrita logo em seguida à morte de Eurípides, não há nenhuma alusão à morte violenta, o que sugere que seja uma interpolação posterior de suas peças em suas biografias. Inclusive, numa das variações de sua morte, narrada na *Suda* (E 3695 9), são mulheres que o despedaçam e não cães, como se dá com o Rei Penteu.

Cabe lembrar que também Luciano de Samósata e Heráclito de Éfeso teriam morrido de maneira semelhante. Seriam assim tão comuns as mortes de pessoas estraçalhadas por cães ou sinalizariam algo num plano simbólico? Ao que parece, a tradição biográfica repetia alguns episódios, associando-os a certos tipos de vida.⁴ A morte pelos cães pode denotar, por exemplo, a impiedade do biografado. Há, portanto, uma estrutura padronizada, bem como um repertório comum às várias vidas. Em seu artigo “Vida y muerte del poeta”, Pòrtulas enumera uma série de elementos recorrentes nas vidas dos poetas, muitos deles presentes nas vidas de Eurípides: origens humildes, sonhos ligados à iniciação poética, discípulo de homens notáveis, problemas amorosos, competições, problemas com antagonistas, exílio, oposição à tirania, honrada velhice, longevidade, morte violenta longe do país natal, monumentos em sua memória,

4. Stuart aponta que, nas narrativas dos nascimentos de poetas, era comum a presença de um enxame de abelhas, como sinal de dons literários (p. 146). Lefkowitz (p. 91-92) enumera uma série de episódios na vida de Eurípides relacionados às vidas de outros poetas como Êsopo (cuja esposa também o preteriu a um escravo), Sófocles (que se destacou igualmente na luta pancrática) e Êsquilo (que teria semelhantemente prosperado no exílio). Estes dois últimos, como Eurípides, teriam sido cultuados como heróis após a morte.

epigramas (Pörtulas: 1994, p. 64-65). A recorrência desses elementos torna manifesto o aspecto formular do gênero biográfico, um aspecto que reforça a verossimilhança da vida narrada, comprometendo a verdade histórica. Todavia, convivem no âmbito da biografia tipos, caracteres e finalidades diversas que concedem variedade à estrutura formular.

V. EURÍPIDES CÔMICO

A confusão de domínios literário e biográfico é um excelente artifício para criar embaraços cômicos. Não por acaso Aristófanes valeu-se de tais transposições com relação a Eurípides, em peças como *As Rãs*, *Acarnences*, *As nuvens* e *As mulheres que celebram as Tesmofórias*. Anedotas cômicas que constam nelas serão mais tarde incorporadas como fatos em suas biografias.

Antes de proceder ao exame de episódios da vida de Eurípides originados na comédia, cabem alguns esclarecimentos sobre as convenções da comédia. Sabe-se que os poetas da Comédia Antiga tinham considerável imunidade e independência para escreverem suas peças. Nelas, inseriam ataques nominais e invectivas pessoais que não eram censurados pela cidade. Muito embora não houvesse uma legislação contra as invectivas, certos políticos “ultrajados” tomavam a justiça em suas próprias mãos. Conta-se que Alcibíades teria amarrado Êupolis com uma corda e o teria mergulhado várias vezes no mar, sem que morresse, para se vingar da peça *Mergulhadores*, na qual fora objeto de sátira.

No fim do século V a.C., porém, a instabilidade política levou ao abandono da invectiva e a imunidade dos poetas foi comprometida. Em 439 a.C., o Decreto de Moriquides proibiu a paródia nominal, ainda que, dois anos mais tarde, o arconte Epígenes tenha levantado a interdição. Segundo Platônio, nessa época, Aristófanes abandonou a “sua habitual virulência para se dedicar à paródia literária, campo que lhe oferecia mais segurança” (*apud* Sousa e Silva: 1983, p. 52), inserindo-se aí as comédias difamadoras de Eurípides.

Vale lembrar que na comédia sempre competiram finalidades críticas, literárias e humorísticas. A esse respeito, Maria de Fátima Sousa e Silva pergunta se “[s]eria o comediógrafo exclusivamente norteado pelo sentido do dever e da doutrinação, orientados para o processo, cômico por natureza, da caricatura” (Sousa e Silva: 1983, p. 44). Embora tivesse uma orientação política e moralizante, a comédia conformava-se a outras finalidades menos sérias. Conciliava preocupações didáticas, estéticas e, evidentemente, humorísticas. Portanto, para se entender as críticas de Aristófanes a Eurípides, é preciso levar em conta o entrelaçar entre diferentes finalidades. É plausível que muitas dessas passagens não sejam senão gracejos para fazer a plateia rir.

Aristófanes começa seu ataque virulento contra Eurípides em *As Nuvens*.⁵ Censura o poeta por sua associação com Sócrates e diz mesmo que este teria escrito as peças do dramaturgo, acusação que retoma em *As Rãs* 944 (dessa vez, atribuindo as peças euripidianas a seu escravo Cefisofonte). A biografia de Sátiro (fr. 39, col. I-II) relata a admiração do tragediógrafo por Sócrates e reconhece, em suas opiniões, uma verve socrática. Em fontes mais tardias, como Diógenes Laércio 2.18 e a biografia anônima, a associação com o filósofo é exagerada: justificam a acusação de que Sócrates teria escrito as peças de Eurípides, numa provável retomada do texto aristofânico. Para além de seus efeitos cômicos, essa acusação parece repisar a crítica à presença do discurso filosófico nas peças de Eurípides, cujas peças lançam mão de filosofia, retórica e sofística (Cf. Jaeger: 1979, p. 358-383).

Com relação à suposta misoginia de Eurípides, consequência da infidelidade conjugal de sua esposa com Cefisofonte (escravo que o teria, ademais, o ajudado a escrever suas tragédias, como já mencionado), Sátiro recorre semelhantemente a citações das *Mulheres que celebram as Tesmofórias* (v. 390; 546-548) e *As rãs* (v. 944; 1043-4), de Aristófanes. Segundo o comediógrafo, a antipatia era recíproca: a exposição que as tragédias euripidianas fazem dos piores defeitos femininos teria provocado a ira das atenienses. Mas, se em algumas de suas peças há mulheres adúlteras ou violentas – como Melanipa, Fedra, Medeia – em outras tantas, encontram-se mulheres muito virtuosas.

5. A passagem é citada em Diógenes Laércio 2.18 e, como não se encontra no texto das *Nuvens* que chegou até nós, provavelmente fazia parte da primeira versão da peça.

Andrômeda é um modelo de candura; Ifigênia é muito generosa; Alceste e Helena são exemplos de fidelidade conjugal (a esse respeito, cf. Sousa e Silva: 1983, p. 120-122). Num período em que os valores heróicos estavam em franca decadência, Eurípides criou personagens femininas inteligentes e elaboradas. Naturalmente, a comédia se interessa antes pelos vícios, que pelas virtudes. Tal sentimentalidade complexa, deformada deliberadamente pelo comediógrafo, é que provavelmente o consagrou como poeta misógino.

Também a descrição física de Eurípides nas biografias pode ser debitada às comédias de Aristófanes. Como assinala Misener, nas descrições satíricas, os comediógrafos não pretendiam dar informações confiáveis e sim evocar um sentimento de desprezo por traços físicos que sinalizariam falhas de caráter (Misener: 1924, p. 111). Na *Vida e Origem de Eurípides* 12, conta-se que o poeta era barbudo e que teria verrugas sobre os olhos, descrição que retoma claramente o seu retrato esboçado em *As mulheres que celebram as Têsmofórias*, v. 190, e *As Rãs*, v. 1246.

Num processo análogo, a acusação de que o poeta teria mau hálito (na biografia anônima, 28, e em Sátiro, fr. 39 col. XX) seria derivada de alguns versos trímetros de Alexandre da Etólia, citados em Aulo Gélio 15. 20.8: “O protegido do bom Anaxágoras (é), para mim, azedo para se conversar,/ detestando o riso e não tendo aprendido a fazer gracejos nem com vinho,/mas tudo o que escreve tem um sopro de mel e das Sereias.” O poeta, ao dizer que Eurípides era “azedo para se conversar”, provavelmente emprega o adjetivo num sentido metafórico, aludindo ao pessimismo e à gravidade de Eurípides. Contudo, os biógrafos podem tê-lo compreendido literalmente quando incluíram essa passagem nas biografias (ou o fizeram deliberadamente, conservando o humor).

As origens do poeta também parecem ser coloridas pelos insultos de Aristófanes. A mãe de Eurípides Cleito é chamada de verdureira em quatro das cinco biografias. Entre elas, somente a *Suda* discute a veracidade do fato. Na de Sátiro, a única que não menciona a sua “progenitora verdureira”, perdeu-se o trecho que narra o nascimento de Eurípides, sendo assim possível que também fizesse menção às origens “hortaliças”. Há duas prováveis fontes para essa história. Aulo

Gélio cita Teopompo.⁶ Mas também encontramos várias referências a Cleito como verdureira em Aristófanes. A primeira delas está nas *Acarnenses* (v. 475-478):

Dicaiópolis – Eurípidzinho, ó mais querido e mais doce, (...) me dê a salsinha que tiver pegado com sua mãe.
Eurípides – O homem (nos) insulta! Feche as portas das moradas!
Dicaiópolis – Ó ânimo, sem salsinha devemos passar.

6. Não se sabe se Teopompo seria o comediógrafo do século V a.C. ou o historiador do século IV a.C.

Em seguida, nos *Cavalheiros* (v. 18-20):

Níquiias – Mas não (há) nada de ousado em mim. Como, então, eu gostaria de dizer algo semelhante assim às evasivas do Eurípides!
Demóstenes – Não! Comigo não! Não seja salsinhante comigo!

Ainda, em *As mulheres que celebram as Tesmofórias* (v. 455-6): “Segunda mulher- Pois conosco, ó meninas, ele faz coisas ruins e e selvagens, /as quais são mais selvagens que as ervas entre as quais ele foi criado.” E, por fim, em *As Rãs* (v. 840): “Ésquilo - (Fala) verdadeiramente, ó filho da deusa hortaliçeira.”

Murray propõe que a piada sobre suas origens volte à tragédia *Melanipa*, em que a personagem que dá nome à peça e sua mãe são autoridades em ervas (Murray: 1946, p. 14). A mãe de Melanipa teria sido confundida com a mãe do autor, e as ervas medicinais seriam substituídas por verduras, com artifício cômico. No verbete sobre Eurípides na *Suda* (E 3695, 2), o autor se refere a uma demonstração de Filócoro, com ares mais históricos que cômicos, que refuta tais rumores e garante que a mãe do tragediógrafo era de uma família muito nobre.

Mesmo depois da morte do tragediógrafo, Aristófanes não abandonou sua campanha difamatória contra Eurípides. Logo em seguida, escreveu as *Rãs*, em que vai buscar o poeta trágico no Hades. Dessa vez, contrapõe Eurípides, representante de uma nova arte poética, a Ésquilo, ícone da antiga arte poética. Cita extensamente as tragédias de Eurípides, para ilustrar suas críticas. Episódios como o de sua traição e de sua impiedade, referidos na peça, são sustentados a partir de analogias entre o poeta e os seus personagens. Algumas dessas passagens serão igualmente incorporadas nos registros biográficos.

VI. COMENTÁRIOS FINAIS

Nesta introdução, procurei evidenciar tensões entre filosofia e vida, história e ficção, tragédia e comédia na *Vida de Eurípides* de Sátiro. Ao apontar algumas das fontes incorporadas à narrativa, espero ter mostrado como a composição a partir de textos tão diferentes introduz, na biografia helenística, uma riqueza de informações que abrange vida, obra, influência literárias, caráter, fortuna crítica. Tais informações foram adquirindo o estatuto de cultura geral e se cristalizando na apreensão crítica. Contaminaram a leitura da obra do tragediógrafo. O levantamento das fontes permite, assim, elucidar as relações que a biografia antiga tinha com os mais variados gêneros literários.

O estabelecimento dessas relações textuais poderá também favorecer uma compreensão melhor da maneira como a tradição biográfica se transmitiu na Antiguidade. Em versões ulteriores da biografia de Eurípides, essas tensões encontram-se um tanto diluídas. Como sugere Mary Lefkowitz, nas vidas mais tardias as fraquezas do poeta foram enfatizadas, alguns episódios foram duplicados e a composição de fontes variadas resultou em narrativas incoerentes, provavelmente devido ao longo processo de condensação e degradação que pelo qual passou a narrativa biográfica (Lefkowitz: 1981). É por essas e outras que, apesar de seu estado fragmentário e lacunar, a biografia de Sátiro guarda especial interesse no *corpus* das biografias de Eurípides e na formação do gênero biográfico na Antiguidade.

7. Esta tradução foi feita a partir de duas edições do texto grego, publicadas por David Kovacs (1994, p. 15-27) e Tovar (1995, vol. 1). O texto é bastante lacunar, tendo-se perdido uma extensa parte da biografia. Por isso não se encontram nela partes recorrentes nas biografias de poetas, como nascimento, família, formação, produções dramáticas, vitórias em concursos.

8. Na tradução de *lógois*, escolheu-se “discursos” como opção mais neutra, uma vez que a ausência de contexto dificulta a identificação de sentido mais preciso. Kovacs o traduz por “partes em diálogo de suas peças”.

TRADUÇÃO DOS FRAGMENTOS DA *VIDA DE EURÍPIDES* DE SÁTIRO (PAPIRO DE OXIRINCO 1176)⁷

Fr. 1:

...em outras partes, era mui[to re]tóríc[o n]os discurso[s],⁸ sendo] loqu[az e,] para imitar...

Fr. 8, Col. II:

... [rivalizando, m]as também [cresc]eu e a[per]feiçãoou-se de forma a não deixar os seus sucessores ultrapassá-lo. Então, em relação à arte, o homem (foi) assim, e, por isso, Aristófanes deseja medir-lhe a língua,

“Pela qual conformava as palavras l[i]geiras.”⁹

[E, além disso, era] também grande de [al]ma,¹⁰ quase tão grande quanto em seus poemas. [P]ois luta[va], como [já] disse, [. . . .]n n[a] assembleia¹¹ [c]ontra ...

Fr. 37, Col. I:

... [não] sendo [al]tivo [sobre] as [pr]óprias qualidades, [n]em pela [cen]sura dos [ou]tros humilhando-se. E, em [segu]ida, [admi]r[ou Ana]xágoras¹² [divin]amente ...

Fr. 37, Col. II:

“ ... criança,
a vo[cê] que se engendrou [por si mesma], a que no éte[r]
com um disco tendo e[n]tretecido a natureza de t[od]os,
em torno de si tanto o dia, como a [tenebrosa]
noite fu[lgida e] a multidão con[fusa de a]s[tros...”¹³

Fr. 37, Col III:

... e, [em O]s [Cretenses?], p[or meio d]a can[ção]:

“[A] si, ó guar[diã]o de t[ud]o, ervas¹⁴
e uma l[i]bação¹⁵ lhe trag[o], se Zeus o[u] Hades
chamar-se,”¹⁶

Com toda precisão, circunscreveu o universo de Anax[á]goras [em] três perí[odos] e, em outra parte, de certo [modo], at[é] duvid[a] sobre o que preside sobre os céus:

“Zeus, seja a necessidad[e] da [naturez]a, sej[a] a mente dos mortais.”¹⁷

9. Novo fragmento de Aristófanes. Como aponta Gallo, ao cotejá-lo com um verso das *Rãs* (v. 828), provavelmente Sátiro torna em elogio o que era originalmente uma crítica à arte de Eurípides (Gallo: 1967, p. 139).

10. Observe-se como a apreciação do caráter de Eurípides está imbricada com a valorização de sua arte.

11. O *agón* pode se referir à assembleia, aos jogos e ao local onde se realizavam concursos. Pelo que se sabe da vida de Eurípides, qualquer uma das três acepções faria sentido, pois, além de ter se defendido nas assembleias, ele participou de concursos de tragédia e, na juventude, lutou o pancrácio.

12. Trata-se de referência a um dos autores que influenciou Eurípides: Anaxágoras. Na sequência serão citados outros, como Sócrates (fr. 39, I) e Demóstenes. Nas vidas de poetas e de filósofos, esse é um tema recorrente.

13. Clemente de Alexandria atribuiu estes versos ao sofista Crítias (fr. 19 Diels-Kranz).

14. A menção a ervas nessa passagem pode ser mais um dos elementos que deram origem à lenda de que a mãe de Eurípides era uma verdureira.

15. *Pelanós* era uma mistura de mel, óleo e grãos moídos que se queimava nos altares como oferenda aos deuses e aos mortos.

16. Fragmento 912 Nauck.

Fr. 38, Col. I:

... o mais ... ter esboç[ado] Hércules [bem] como Auge, brotada sobre o que foi mencionado acima, quando diz:

17. *Troianas* 886. Nesta passagem, Sítiro provavelmente introduz uma discussão sobre a suposta impiedade de Eurípides.

18. Fr. 913 Nauck, atribuído à peça *Auge* por Willamowitz. Nele, condenam-se os que duvidam da existência das divindades.

19. Dois fragmentos de Eurípides. O primeiro é também citado de forma abreviada em Plutarco (*Alexandre*, 63); o segundo é novo.

20. Em Estobeu (Flor. 18) encontra-se uma citação da passagem à qual Sítiro provavelmente está se referindo: “Mais forte do que as riquezas não nasceu senão um homem; quem ele é, não direi.”

“Que [sacrí]lego e [de]safortunad[o] (é) o que, contempl[and]o estas coisas, não apren[d]e de antemão a [to]mar sua alma por divina, e (não) lança para lon[ge os retorcido]s ard[is] daqueles com [cabe]ças nas nuvens, [cuja] atre[vida lí]ngua ta[gare]la [sobre as coisas que não] se rev[elam ...”¹⁸

Fr. 38, Col. II:

... mergulha, havendo de rea[li]zar. Pois a labuta é possível: seja o que for o labutar, está próximo dos que são chamados bons; e, sendo amigo, seja dito amigo meu. Por que vocês, mortais, em vão tendo já [so]frido muitas cois[as], acreditam que, com a riqueza, hão de [al]cança[r] a virtude? E se vocês tiverem alguma rocha do Etna, ou uma pedra encrustada em ouro de P[ar]os que adqu[i]riram nas alcovas dos antepassados? De fato, [e]ntão, não tendo brotado...

Fr. 38, Col. III:

“Além do [Bósfo]ro e do N[ilo] Navegam por riquezas com alegria, através de on[da]s[ma]rinhãs triplas, [con]templando os astros.”
“Eu poderei [não] gostar que [ve]nha de lon[ge] no exterior, [nem] recebendo algo dourado [do] Istro ou do Bósforo.”¹⁹

Fr. 39, Col. I:

... pois, tanto o irr[acional] como o racional. [E] caiu em [de]sg[r]aça pera[n]te a] mu[l]tidão, por admi[ra]r Só[cra]tes muitíssimo [mes]mo, como (é) evidenciad[o em] *As Dânaides*, quando, (ao falar) sobre a ganân[ci]a, dentre todos, somente a [el]e, (Sócrates), fez isento (dela).²⁰

Fr. 39, Col. II:

... [d]est[e m]od[o]:

“– Mas realizando estas coi[s]as [s]ecretamen[te], a quem você teme?

– Aos deuses que v[e]em melhor que os seres hu[m]anos.”²¹

Diodora²² – Pode ser que esta suposição sobr[e] os deuses seja [so]crática, pois, na realidade, as coisas invisíveis para os mortais (são) bem visíveis para os imortais.

A – E também a “[mi]sotirania”;²³ e (o ódio [?]) [à multi]dão e [aos pod]eres [dos pouc]os...

Fr. 39, Col. III:

A – ... ten[d]o [di]to. E, além disso, (não se deve) colocar ne[nhum] dos cidadão[s] nas [e]stre[las] para [alé]m d[a] medi[da, n]em fazer tira[no] e nem dar aos [cid]adãos insignificantes acesso a posições honradas. Pois a maior ferida de uma cidade (é) um mau retor, demagogo que avance além do (seu) valor. Mas então, ó Diodora, sobre a comum [a]bu[lia] dos [a]te[niense]s...

Fr. 39, Col. IV:

“... não desse [m]odo:
mas fazemos uso [d]a malda[de de] outro
[e] acre[di]tamos em tudo que ele disser,
não diz[en]do maldades (nós mesmos), mas faz[en]do m[uitas].
E, em seguid[a], ca[da] um de nós [a]cusa [a] assembleia
da qual era (membro).”²⁴

Diodora – Também (há) muitas coisas nos poetas cômicos, ao que parece, que são ditas ao mesmo tempo severa e politicamente.²⁵

A – Pois como não? Em contrapartida, pelo menos nesse momento, Eurípides novamente conclama os jovens à força e à coragem, lançan[an]do-os contra as investidas dos espartanos e animan[do] a multid[ã]o assim:

“Adquiram, nos tempos vindouros, toda a glória, suportando a [la]buta [durante] todo o dia, nos ânimos, ...”²⁶

21. Fragmento novo.

22. A partir deste fragmento, a forma de diálogo surge mais claramente. Provavelmente se dava entre duas personagens: (i) o interlocutor A, quiçá o próprio Sátiro que, a exemplo de Aristóteles, introduziu-se em seu diálogo; e (ii) Diodora Eucleia, uma erudita. A introdução de uma mulher no diálogo é duplamente interessante – é uma resposta à misoginia que se atribui ao tragediógrafo e reflete o maior grau de emancipação intelectual das mulheres no período alexandrino. Alguns autores, como Leo e Hunt, consideram que o diálogo se dá entre três personagens: Diodoro (provavelmente o escritor da Comédia Nova do século IV a.C.), Eucleia, e o terceiro interlocutor não nomeado.

23. O verbo substantivado *tò misotyranneîn*, o odiar os tiranos, é um *hapax* de Sátiro, sendo atestado como adjetivo em Heródoto, Ésquines e Plutarco.

24. Fragmento cômico novo.

25. Sátiro reconhece o papel político sério desempenhado pelos autores cômicos por meio de suas críticas. Sérios ou não, como se discutiu na introdução, todas as biografias de Eurípides incorporaram muito da comédia.

26. Novo fragmento de Eurípides.

Fr. 39, Col. V:

“... Nas [trif]urcações [sor]riem para [você] as tocadoras de flautas.”

“Quem são os magistrados?, perguntaria ao [am]igo.

Você fala dos que cortam as a[sas à] liberdade.”

Ó Pánfilo, jamais tinha considerado que a proprie[dade] (pode) não (ser) riqueza mas (sim) autoridade, [quando, por ventura,] vem a ser?”²⁷

27. Novo fragmento cômico. O jogo de palavras entre *ousia* (propriedade) e *exousia* (autoridade) se perde na tradução.

Nisso, de um lado, o pobre ...

28. Esta advertência aos jovens já foi atribuída tanto ao próprio Eurípides (Leo, Hunter, von Arnim), como a algum poeta cômico (Gerstinger).

Fr. 39, Col. VI:

“...v]aticinando, hostilíssimos [ao] p[a]i que os ger[ou]. Pois tendo surgido um desejo de govern[a]r as m<o>radas, confirm[a]m-se os maiores inimigos dos (que lhe são) mais queridos. As crianças pequenas (são) mais doces para o pai velho.”²⁸

29. Gallo assinala que as colunas VII-XXI do fragmento 39 apresentam uma notável correspondência (inclusive de expressões) com a biografia anônima, cuja leitura pode então nos auxiliar na especulação sobre o provável conteúdo das lacunas (Gallo, 1967, f. CXIII).

Diodora – Alguém diria, sem dúvida, pr[o]fetizando so[b]re os mal-conduzidos, que são maioria [ago]ra. Pois estes mesmos anseiam faze[r] as exéqu[ias] do pai rapidamente para as propriedades...

30. Na *Poética* (1454 19-25), Aristóteles discorre sobre as quatro formas de reconhecimento. Considera ser “menos artística e inventiva” a que se dá por meio de de marcas exteriores. Entre seus exemplos, cita o reconhecimento que graças a sinais exteriores ao corpo, como os colares.

Fr. 39, Col. VII:²⁹

<do marido> em relação à m[u]lher, do p[a]i em relação ao f[il]ho e do ser[vo] em relação ao s[en]hor; ou as coisas correspondentes às r[evi]ravoltas, às v[i]o]lações das virg[e]ns, às trocas de criancinhas, aos reconhecimentos por meio de anéis e colares.³⁰ Pois, sem dúvida, são estas coisas que compõem a Comédia Nova, a qual Eurípides condu[z]iu ao cume, [es]tando Homero no princípio do arranjo dos versos em estilo oral. E Fi[l]êmon, nes[ta] passagem, com [r]azão, testemuh[a] isso sobre ele:

“Eurí[pi]des, este [que] (é) o único ca[pa]z de f[a]la[r], em alguma parte diz ...”³¹

31. Novo fragmento de Filêmon.

Fr. 39, Col. VIII:

32. Entenda-se aqui representação teatral. Uma das acepções do verbo *hypokríno* é “falar em diálogo”, que também caberia nessa passagem.

... em relação à representação³² de Eurípides, como faz aqui, acusando Aristogítton por sua maldade:

“– Então o que ele é?
 – Por Z[eus], um cão do povo, dizem alguns.
 – De que espécie?
 – (De uma espécie) tal que, por um lado, não morde os que acusa de serem lobos e, por outro, devor[a] os que diz guardarem rebanhos.
 – Porventura ele jamais [con]de[nou] alguém (por ser) retor?
 – (Não), nin[guém].”³³

33. Demóstenes XXV, 40 (cf. Aristogit. I).

Fr. 39, Col. IX:

... tendo [adqui]rido aqui [mes]mo uma caverna que tem a boca voltada para o mar,³⁴ e nela passava o dia consigo mes[m]o, sempre meditando alg[o] e escrevendo, tendo simplesmente des[pre]zado tudo que não (fosse) grandioso ou venerável. Pelo [me]nos, Aristóf[an]es diz isso sobre ele, como se tivesse sido convocado (a se pronunciar):

“Ele é {t}a[l] qual c[om]põe o falar (dos personagens)”.

[Ma]s, assist[in]do a uma com[é]dia certa vez, d[iz-se] que...

34. Esta caverna também será mencionada por outros biógrafos. É bem provável que a tradição historiográfica mais tardia a recolha aqui ou em Filócoro. Aulo Gélio cita o último ao mencionar a “caverna pestilenta e horrível” que ele próprio teria conhecido.

Fr. 39, Col. X:

... todos o odiavam: de um lado, os homen[s], por (ser) anti-social; [de outro,] a[s] mulhere[s, em] razão das c[e]nsuras, as nos poemas. E passou por grande perigo por conta de cada um dos sexos. Pois, como já mencionamos, fugiu da pena de impiedade dada pelo demagogo Cléon; enquanto as mulheres conspiraram contra ele durante as Tesmofórias³⁵ e, reunidas, fo[r]am até o [lu]gar em que, por acaso, ele se encontr[ava d]escansando. [Mas], estando [di]vididas, poup[ar]am o ho[me]m. Primeiro, porque admiravam as Musas ...

35. As Tesmofórias eram festas dedicadas à deusa Deméter, celebradas exclusivamente pelas mulheres. É também o título de uma das peças de Aristófanes que zomba de Eurípides.

Fr. 39, Col. XI:

... [re]cu[sando] ... um[as às outras labutas] ...v[ergo]nha te[m ...] a mulher [e]xpulsa. Distribuem as casas e guardam as coisas [que vêm pelo] mar de[ntro] das moradas; na ausência de mulheres a casa (não é) nem limpa, nem afortunada. Por sua vez, em relação às coisas dos deuses

36. Este trecho, que faria parte da peça *Melanipa*, também se encontra no papiro Berol. 9772. Há divergências entre as duas citações (*apud* Gallo: 1967, f. CXIII).

37. Aristófanes, *Tesmofórias*, 374-5. Na peça, porém, o nome da mulher que presidia é Timócleia e não Arquicleia, como na citação.

38. Aristófanes, *Tesmofórias*, 335-7.

39. Na defesa de seu sexo, Diodora provavelmente está se referindo à *República*, de Platão.

(pois as considero em primeiro lugar), temos uma parte ma[io]r. Pois, nos templos de Febo, as mulheres interpretam a [men]te de Lóxias e, em torno das fundações sagradas dos te<m>plos [de Dodona] ...³⁶

Fr. 39, Col. XII:

“... [a da]s mu[lhe]res. Ar[quic]leia pre[si]dia, Lisi[la] s]ecretariava, Sóstrata falava.”³⁷

“Se alguém trama algo ruim contra a população das mulheres ou envi[a] arautos a Eurípide<e aos persas>, [a fi]m de (provocar) algum dano...”³⁸

A – Você claramente já adivinhou o que di[g]o e me livrou [de] uma explicaç[ã]o. Irri[to]u-se com o [s]exo (feminino) em razão destas coisas: havia, ao que parece, na c[a]sa dele um rapaz nascido em sua casa, cujo nome (era) Cefisofonte. [Com] ele, então, [s]urpreendeu [su]a própria mulher se por[tan]d[o mal] ...

Fr. 39, Col. XIII:

... tendo sup[or]tado a injúria, como l[em]bra[m], u[r]g[i]u [a] m[u]lher a mor[a]r c[om] o] jovem, [u]ma vez que [e]la (o) pre[fer]ia:

“A fim de que e[st]e n[ão] tenha [a] minha (esposa),” ele diz, “mas eu a dele: pois é justo, se assim eu deseja[r]”.

E, nos poemas, c[on]tinuava combatendo todo o sexo (feminino).

Diodora – Com certeza, risivelmente. Pois por que (seria) mais razoável alguém censurar as mulhe[re]s, por conta da que foi seduzida, do que os homens, por conta do que (a) seduziu? E depois, como dizia Sócrates, [os] mesmos vícios e virtudes [são] encontrados [em] ambos. Mas va[le] e[xa]minar...³⁹

Fr. 39, Col. XIV:

... tendo sido ela [acusada] pois ... [de envene[n]ar Histaspes⁴⁰ com filtr[o]s. E tendo sido a mulher chamada, quando ela entrou, ao ve[r] seu porte e sua beleza, (Histapes) disse:

“Salve, mulher. Então as [ac]usações e[r]am falsas. Pois você tem o veneno [em] s[eu] r[o]sto e n[os] o[l]hos.”

A - Muito bem, ó mais poderosa dentre todas e, por isso, (chamada) Eucleia, por[q]u[e] tem de memória essas coisas [relativas] aos caracteres e ...

Fr. 39, Col. XV:

... por certo tempo, prevaleceram ao lut[a]r contra os adversários. [E]ntão, para mim, isso [d]eve ser tomado como uma vitória das mulheres. Pois os homens eram inferiores em quanto (dependesse) deles.

A - Provavelmente, ó Diodora. Mas retornemos ao Eurípides novamente, (indo) além destas coisas que são defendidas pelas m[u]lheres. Pois tendo eles se irritado com a costumeira má-vontade dos cidadãos e, ao mesmo tempo, se incomodado por ser associado muit[as] vezes com Acesto[r], Dorilau[,] Mórismo [e] Melântio ...

Diodora - Mas [por] Zeus, de [quem] (são) os nome[s] (que você) [d]iz? São po[eta]s?

A - Poe[tas certamente,] os ...⁴¹

Fr.39, Col. XVI:

“... tomando Sófocl[es], da pa[rte] de [É]squilo, quanto n[é]ctar ..., um Eurípides inteiro e, em seguida, jogar sal neles, mas lembrando-se contudo que (é) sal (*bálas*) e não tagarelas (*lálas*).”⁴²

Diodora – (Estas chacotas) parecem ser de um homem [dentre o]s seus [com]petidores, conforme você disse. Toda[v]ia, o poeta cômico mor[de]u Eur[í]pides maliciosamente também aí.

A – E no inverna[o] [se]guinte, outras [...] . outros ...

40. Sátiro evoca essa referência para contrapor a reação de Eurípides à aceitação de Histaspes da traição de seu marido, o rei persa. Plutarco também relata a história em *Conselho aos noivos*, 141B.

41. Alusão à injustiça que as peças de Eurípides teriam sofrido nos concursos trágicos. Poucas foram premiadas, muitas vezes perdendo para poetas obscuros como os aí listados, desconhecidos de Diodora.

42. Fragmento cômico. O trocadilho entre sal (*bálas*) e tagarelas (*lálas*) se perde na tradução.

Fr. 39, Col. XVII:

43. Eur. Fr. 403 Nauck
(*Ino*).

“...mora na parte do corpo que (lhe foi) aquinhoada, onde quer que seja,
nas mão[s, n]as entranh[as] ou junto dos [o]lhos”.⁴³

44. O advérbio *kbleuastikos*
é um *hapax* de Sátiro.
Como adjetivo é atestado
em Fílon o Mecânico.

Acrescentou a estes, em zombaria:⁴⁴

“onde quer que, dormindo, a cadela ponha o nariz”.

45. difícil estabelecer se
Eurípides teria partido
para a Macedônia para se
defender das críticas
mordazes dos comedió-
grafos ou do processo
lendário que sofreu por
impiedade. No âmbito
dessa biografia, há
elementos que apontam
para o processo judicial,
mencionado também no
fr. 39, X.

Então, este[s], como eu disse, governavam em favor dos
muitos. Porém, aquele, conforme o juramento que fez no
tribunal, renunciou a Atenas.⁴⁵

Diodora – Qual juramento?

A – Neste estásimo, ele foi bem registrado:

“Asas douradas sobre minhas costa[s e] sand[á]lias al[ad]as [das]
Sereias [estã]o [ajusta]das, [mont]arei [ao éter, a]lto [flutuando,
misturando-me com Zeus ...”

46. Provável alusão ao
monarca Arquelau, que
acolheu Eurípides em seu
exílio.

Fr. 39, Col. XVIII:

... iniciava as melo[di]a[s]. Ou você não [sabe] que tamb[ém]
is]to é [o que] el[e] di[z]?

Diodora – Como assim?

A - Dizend[o] “Com Zeus havendo de mistu[ra]r o impulso”,
alude metaforicamente ao monarca e, <ao> mesmo tempo,
[au]menta a proeminência do homem.⁴⁶

Diodora – Parec[e-me] falar com [m]a[i]s elegância qu[e]
verdade.

A – (Essas coisas) estão <aí> para que as apreenda como
quis[e]r. Mas então, tendo partido, envelheceu na Macedônia,
sendo tratado com muito honra por parte do senhor. E, em
relação ao resto, também é l[e]mbrad[o q]ue ass[im] ...

Fr. 39, Col. XIX:

A – Você não falou mal. Pois [nã]o val[e a pena] dizer as (opiniões) dos [a]te[n]{i}enses: estes só apreciaram o poeta de tal porte na velhice, mais tarde do que os macedônios e os siciliotas. Então, conta-se que, quando Nícias avançou com o exército sobre a Sicília e mui[t]os dos atenienses tornaram-se prisioneiros, muitos deles se salvaram graças aos poemas de Eurípides: tantos quantos, guardando (de cor) alguns dos versos, porventura os ensinasse aos filhos dos ... que os capturaram e subjogaram. Assim, t[od]a a Sicíl[i]a ad[mirav]a Eurípides. [E] também [po]r Arquelau ...

Fr. 39, Col. XX:

“... te[m] a boca também ex]tremament[e fedorenta.]”

E ele, r[etrucando,] disse: “Não vai se [ca]lar, ó menino? Qual boca já veio a ser ou poderia vir a ser mais doce [d]{o} que {es}ta mesma? Pela qual passaram tais canções e versos?”⁴⁷

Diodora – Ele se assemelha, conforme você já disse, (a alguém) que foi in[spirado] divin[am]ente pel[o] poeta.

A – Então, estas coisas ocorreram a Eurípides enquanto vivia. Mas, um fim muito difícil e peculiar por acaso (lhe) aconteceu, como relatam os mais velhos dentre os letrados maced[ô]nios.

Diodora – O que con[tam]?

A – Há, n[a] Macedônia, ...

Fr. 39, Col. XXI:

... e intercedeu (por eles). [Mas] algum tem[po] d]epoi[s, acon]tece[u de] Eurí[pi]des estar vagando sozinho num bosque [mais] a[fas]tado da cidade, enquanto Arquelau saía para a caça. Os caçadores estavam fora dos portões quando soltaram os cães filhotes, que foram na frente, enquanto ele[s se d]emorara[m] atrás. Então, [os] cães encontraram Eurípides, que estava só, despedaçaram-no e el[es] (os caçadores) chegaram à cena muito tarde. A partir de então, e ainda hoje, se fala um ditado entre os Ma[c]edônios, o

47. Paráfrase dos versos trímetros de Alexandre da Etólia que se referem à gravidade de Eurípides, “azedo para conversar”, embora seus escritos tivessem “um hálito de mel e das Sereias”. Esses versos são retomados pelo autor da *Vida e Origem de Eurípides* (28) e por Aulo Gélío (8).

48. Sátiro narra o episódio do despedaçamento de Eurípides pelos filhotes da cadela mollosa de Arquelau que fora morta por aldeões. Os aldeões deveriam ter expiado o crime pagando uma multa, mas Eurípides intercedeu por eles, sendo a multa perdoada. Anos depois, os filhotes da cadela teriam vingado a morte da mãe. Por isso, fala-se aqui em justiça mesmo para os cães.

49. Foi adotada a sugestão de Kovacs. Esta coluna oferece ainda assim uma leitura difícil e truncada.

50. Embora possa nos parecer estranha essa alusão a Timóteo depois da morte de Eurípides, sabe-se pela *Biografia anônima* (14) que teria sido ele (ou Tucídides) o escritor do epigrama de Eurípides: “Toda a Hélade (é) um monumento a Eurípides. Mas a terra dos macedônios guarda seus ossos, pois nela recebeu o termo da vida. A sua pátria (era) a Hélade da Hélade, Atenas. Tendo agradado muitas vezes com seus poemas, de muitos recebe elogio.” Sátiro provavelmente esclareceu a relação de Timóteo com Eurípides ao transcrever seu epigrama.

51. Eufemismo para suicídio.

provérbi[o] segundo o qual “H[á jus]tiça mesmo para os cães.” Poi[s, a partir] dos cães <que eram descendentes>⁴⁸

Fr. 39, Col. XXII:

... <que foi criticada a obra>⁴⁹ de Timóteo⁵⁰ entre os gregos, em virtude da inovação [n]a mú[si]ca, e que ele estava extremamente desanimado, de sorte que decidira lançar as mãos contra si mesmo.⁵¹ Mais uma vez, somente Eurípides ridicularizou os espectadores, per[ce]bendo como Timóteo era grande em seu gênero, e o encorajou, dirigindo-lhe, assim, discursos os mais incen[t]ivadores possíveis. E, então, teriam co-escrito o proêmio dos *Persas* também e, <com> a vitó[r]ia, imediatamente, Ti[móteu] deix[ou de ser desp[r]e[zado]...

BIBLIOGRAFIA

ARIGHETTI, Graziano, “Da Aristotele agli Alessandrini” em *Poeti Eruditi e Biografi*, Pisa: Biblioteca di Studi Antichi, 1987.

ARISTOPHANES, *Aristophanes: vol. 1-3* (trad. de Benjamin Bickley Rogers), Cambridge Mass.: Harvard University Press, 1982.

ARISTOTE, *Art Rhétorique et Art Poétique* (trad. J. Voilquin e J. Capelle), Paris: Garnier, 1944.

ARISTÓTELES, *A constituição de Atenas*, (trad. de Francisco Murari Pires), São Paulo, Hucitec, 1998.

EURIPIDE, *Tome I–VII* (tradução de Louis Meridier), Paris, Belles Lettres, 1965-75.

GALLO, Italo, *La Parola del Passato*: “La Vita di Euripide de Satiro e gli studi sulla Biografia Antica”, f. CXIII, Napoli: Gaetano Macchiaroli Editore, 1967.

GENTILI, Bruno & CERRI, Giovanni, *History and Biography in Ancient Thought*, Amsterdam: J.C. Gieben Publisher, 1988.

JAEGER, Werner, *Paidéia*, São Paulo: Martins Fontes, 1979.

- KOVAKS, David, *Euripidea*, Leiden: E. J. Brill, 1994.
- LEFKOWITZ, Mary, *The Lives of the Greek Poets*, London, Duckworth, 1981.
- MISENER, Geneva, "Iconistic Portraits", *Classical Philology*, vol. 19, nº 2, Abril de 1924.
- MOMIGLIANO, Arnaldo, *The development of Greek biography*, Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- MURRAY, Gilbert, *Euripides and His Age*, London: Oxford University Press, 1946.
- PÒRTULAS, Jaume, "Vida y muerte del poeta", *Reyta de Occidente* 158/9, Julho/Agosto 1994.
- SOUSA e SILVA, Maria de Fátima, *Crítica Literária na Comédia Grega*, Coimbra: 1983.
- STUART, Duane Reed, *Epochs of Greek and Roman Biography*, New York: Biblo and Tannen, 1928.
- TOVAR, A.: *Eurípides. Tragedias*. Vol. I, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones científicas, 1955.
- UNTERSTEINER, Mario. "Le biografie dei Filosofi: Il Bios". *Problemi di filologia filosofica* (ed. L. Sichirillo e M. Venturi Femólo). Milano: Cisalpino-Goliardica, 1980.
- VALDÉS, Manuela García, "La lengua grega en la *Vida de Eurípides* de Sátiro": *Emerita: Revista de Linguística y Filología Clasica*, t. LIX, f. 2, p. 359-369, Madrid, 1991.
- VILLARI, Elisabetta, Une hypothèse sur les sources d' Athénée et de la *Vita Sophoclis*: Aristoxène, musicien et biographe: *Revue des Études Grecques* 109/2, 1996, p. 696-706.
- WALBANK, Frank W., *Polybius, Rome and the Hellenistic World*, Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- WHITTEMORE, Reed, *Pure Lives: The Early Biographers*, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1988.

Enviado em janeiro de 2014

Aprovado em abril de 2014.